

## **A MULHER NEGRA E O CAMPO DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA - UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

JÉSSICA EÇA BATISTA<sup>1</sup>

HELENA RACHEL DA MOTA ARAUJO<sup>2</sup>

Quando se coloca a educação no campo dos direitos, ocorre o reconhecimento do direito à diferença, e o enfrentamento dos desafios diante da implementação de políticas públicas, como também, práticas pedagógicas de igualdades sociais e raciais (Rosa, 2014). Segundo Leite (2006), o Brasil é um país marcado tanto por diversidades culturais e raciais, como por desigualdade socioeconômica. Assim, se torna necessário que as práticas e políticas educacionais, voltadas para os setores populares, considerem todas as interferências que as diferenças de gênero e de raça causam na vida e trajetória do povo brasileiro (Rosa, 2014). Compreender todos os aspectos da multiculturalidade/diversidade dos diferentes grupos que compõem a sociedade é reconhecer que o Brasil é extremamente diversificado. E por intermédio dessa afirmativa surge a necessidade de se discutir questões de gênero e raça, dialogar e explicar essas temáticas (Rosa, 2014). Desenvolver estudos que abordem temáticas a respeito dessas problemáticas vem se tornando cada vez mais fundamental, uma vez que, possibilitam uma melhor percepção das desigualdades presentes ao longo da história. Diversos campos da sociedade são afetados por essas desigualdades, e no campo educacional não é diferente, principalmente quando tratamos do acesso e permanência na educação superior. Tendo por problemática a seguinte questão: quais os caminhos percorridos por mulheres negras no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Uesb - Campus Jequié durante o

---

<sup>1</sup> Discente da graduação. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: [jessicaeasjequie@gmail.com](mailto:jessicaeasjequie@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Diversidade Animal. Docente auxiliar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



processo formativo? A luta das mulheres pelo acesso à educação vem de longos anos de resistência, desde a educação básica até ao ensino superior (SCHIENBINGER, 2001). Aquelas que conseguiram concluir a etapa da educação e tinham o interesse de ingressar no ensino superior precisavam enfrentar desafios ainda maiores. As universidades não eram ambientes favoráveis para as mulheres, e isso desde sua fundação no século XII até, aproximadamente, o final do século XIX, o que se repetiu em algumas instituições até o século XX. As mulheres eram excluídas dos estudos nas academias (SCHIENBINGER, 2001). Os campos de estudos voltados para as Ciências da Natureza eram majoritariamente ocupados por homens, então o acesso de mulheres, nesses campos era ainda mais reduzido: “Coloco esta ênfase sobre Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII porque foi nessa época que as modernas instituições e ideologias limitando a participação das mulheres na ciência tiveram lugar. As instituições científicas - universidades, academias e indústrias - foram estruturadas sobre a suposição de que os cientistas seriam homens com esposas em casa para cuidar deles e de suas famílias (SCHIENBINGER, 2001, p.. ).” Essa ideia evidencia o pensamento da época, de que as mulheres eram vistas apenas como responsáveis por cuidarem de seus lares. Hirano (2021) destaca que a presença de mulheres nas carreiras de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) sempre foi reduzida quando comparada com a dos homens. Isso pode ser justificado pela junção de inúmeros fatores, como por exemplo, questões educacionais, sociais, de gênero. Até mesmo a falta de iniciativas educacionais ou representatividade feminina no ensino fundamental e médio podem levar a desistência ou a falta de interesse das meninas pelas áreas STEM muito antes mesmo de optarem por algum curso superior. E isso fortalece ainda mais a equidade de gênero (Hirano, 2021). Reverberando a ideologia de gênero que dominava mais fortemente os costumes da época, que era intensamente ampliado se essa pessoa, além de mulher, fosse negra, uma mulher negra (Queiroz; Santos, 2016). Para estes autores, a sociedade é

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



fundamentada sobre o conceito de hierarquização em relação à raça e fenótipos, o que leva a valorização de um grupo e a exclusão de outro. Então, nesse contexto, quando se trata de ser uma mulher negra isso se torna ainda mais evidente. “Portanto, ser negro e ser mulher são condições que estão inscritas numa ordem hierárquica que tem servido para fomentar a dominação, o desrespeito e a desumanização em todas as esferas da vida daqueles que estão submetidos aos estigmas associados a essas marcas sociais (Queiroz e Santos, 2016, p. 73).” Quando pontuado o fato de ser mulher negra no ensino superior, trata-se de dois fatores sociais que são levados em consideração ao analisar as desigualdades presentes neste ambiente. Visto isso, os marcadores de gênero e raça se relacionam e agravam o contexto educacional destas mulheres. A partir do momento em que essas duas características, o fato de ser mulher e negra se entrelaçam surge a interseccionalidade. Segundo CRENSHAW, 2002, entende-se por interseccionalidade: “Uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Vargas, 2018 apud CRENSHAW, 2002, p. 177).” Trazendo por justificativa o pressuposto que a temática a respeito de questões de gênero e raça devem ser tratadas de maneira cada vez mais aprofundada, principalmente dentro do âmbito da educação. Ao observar essa temática na perspectiva do viés social, percebe-se a relevância de trazer uma discussão que envolva problemáticas sociais vigentes no nosso cotidiano quando se trata de mulheres negras ocupando espaço no campo das Ciências da Natureza. Isso reforça a importância de se discutir essas questões baseando-se em um breve levantamento bibliográfico a respeito da participação e representação de mulheres negras nesse desse campo. A análise do levantamento de dados e pesquisas bibliográficas sobre a



participação dessas mulheres no campo do STEAM, trará materiais de suporte para futuras pesquisas nessa problemática. Uma vez que esses dados levantados servirão como material de apoio para futuras pesquisas dentro do campo da docência, questões raciais e de gênero. E neste sentido, o objetivo geral do presente estudo é realizar um breve levantamento bibliográfico a respeito da atuação de mulheres negras e suas representações no campo das Ciências da natureza através de uma pesquisa qualitativa. Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de um levantamento bibliográfico, onde se buscou analisar trabalhos que abordavam a participação e representação de mulheres negras no campo das Ciências da Natureza. Todo o processo de análise dos dados terá por fundamento a ideia de análise de conteúdo de Bardin (1977), uma vez que ela traz por definição de análise de conteúdo. “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).” Conforme Oliveira (2010), a pesquisa de natureza qualitativa pode ser entendida por uma ação voltada a cenários socioeducativos, à tomada de decisões e ao desenvolvimento de um corpo organizado. Todos os métodos envolvidos na pesquisa qualitativa tendem a proporcionar uma marca própria ao projeto de estudo, relacionando-se às diversas metodologias de pesquisa já existentes (SANDIN; ESTEBAN, 2010). Gerhardt et al. (2009, p. 32) afirmam que: “as características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno”. Durante o levantamento bibliográfico as pesquisas foram realizadas em bancos de dados: Google Acadêmico, no banco de teses e dissertações da CAPES, plataforma online SciELO - Brasil.

**Palavras-chave:** Mulher Negra, Ciências da Natureza, Interseccionalidades,



Gênero e Raça.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 70, 225, 1977.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina. **A participação das mulheres na Ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero**. Revista Labrys Estudos Feministas, 2023.

Chassot, A. (2013). A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!. **Revista Contexto & Educação**, 19(71-72), 9–28. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2004.71-72.9-28> Acesso em 28 de out de 2023.

OHASHI, Mariane. **Lugar de mulher é na ciência?** Site Medium. 02 ago. 2018. Disponível em: [Lugar de mulher é na ciência?. É claro que é. Ou melhor, deveria ser](#) Acesso em: 28 out. 2023.

CORTES, Mariane Rodrigues. **Mulher na Ciência: "Ciência também é coisa de mulher!"**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Física) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Lígia Maria C. S. **Mulheres e ciência: uma história necessária**. Rio de Janeiro: SPBC, 2006.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** EDUSC, 2001. TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas e SANTOS, Carlinda Moreira dos. **As mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior**. Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade [online]. vol.25, n.45, 2016.

QUEIROZ, Delcele M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras**. Salvador: Une, 2006. Mimeografado.

SILVA, Joselina da. A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos quarenta e cinquenta. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 25, v. 2, p. 215-235. maio/ jul.